

Jovens não-binários no YouTube: (res)significando formas de ser e estar no mundo

Gonçalves, Max de Calazans ¹

Guizzo, Bianca Salazar ²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a presença do gênero não-binário nos espaços de Internet, mais precisamente no YouTube. Considera-se a Internet e as mídias digitais enquanto espaços educativos, em que não apenas experiências, mas representações e ensinamentos são compartilhados, produzindo, refutando ou reiterando novas corporeidades. Para isso, faz-se o recorte de uma pesquisa, inserida na perspectiva dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero, em que o YouTube foi o espaço de investigação sobre jovens dissidentes de gênero, no caso, jovens não-binários que falavam sobre suas próprias vivências e experiências de gênero. Assim, esse texto corrobora a relevância das pesquisas acadêmicas sobre o gênero não-binário e a potencialidade da Internet e do YouTube enquanto campos de pesquisa.

Palavras-chave: YouTube; gênero; gênero não-binário.

Non-binary youth on YouTube: resignifying ways of being and existing in the world

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the presence of non-binary gender on the Internet, and particularly on YouTube. The internet and Internet are educational spaces, in which not only experiences but also representations and teachings produce, refute or reiterate new corporealities (Salgado, Souza, 2020). For this purpose, we focus on a piece of research theoretically grounded in Gender Studies and Cultural Studies, that explores YouTube as a study field about non-binary youth and gender dissidents speaking about their own gender experiences. With that, our study corroborates the relevance of academic research on non-binary gender, as well as the Internet and YouTube potential as sites for research.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutorado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: maxcalazansg@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9882030805147074>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-6652-3595>.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: bianca.guizzo@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5359830630792253>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1080-2210>.

Key-words: YouTube; gender; non binary gender.

Jóvenes no binaries en youtube: (re)significando formas de ser y estar en el mundo

RESUMEN

El objetivo de este artículo es discutir la presencia del género no binarie en los espacios de Internet, más precisamente en YouTube. Internet y los medios digitales son espacios educativos en los que se comparten no sólo experiencias, sino también representaciones y enseñanzas, produciendo, refutando o reiterando nuevas corporalidades. Para ello, analizamos una investigación desde la perspectiva de los Estudios Culturales y los Estudios de Género, en la que YouTube fue el espacio para investigar a jóvenes disidentes de género y jóvenes no binarios que hablaron sobre sus propias experiencias de género. Este texto corrobora así la relevancia de la investigación académica sobre el género no binario y el potencial de Internet y YouTube como campos de investigación.

Palabras clave: YouTube; género; género no binarie.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo discutir a presença do gênero não-binário nos espaços de Internet, mais precisamente o YouTube. Considera-se a Internet e as mídias digitais enquanto espaços educativos, em que não apenas experiências, mas representações e ensinamentos são compartilhados, produzindo, refutando ou reiterando novas corporeidades (Salgado, Souza, 2020). Para isso, faz-se o recorte de uma pesquisa em que o YouTube foi o espaço de investigação sobre jovens dissidentes de gênero, a saber, jovens não-binários que falavam sobre suas próprias vivências e experiências de gênero. Assim, esse texto corrobora a relevância das pesquisas acadêmicas sobre o gênero não-binário e a potencialidade da Internet e do YouTube enquanto campos de pesquisa.

Ao estabelecermos o gênero não-binário como tema de investigação, estávamos não apenas dialogando com questionamentos das vidas pessoais e

acadêmicas de um dos pesquisadores deste artigo, mas também considerando a potencialidade da temática, como notamos na revisão de literatura que realizamos durante a pesquisa. A partir disso, iniciamos nossas leituras e discussões acerca de alguns referenciais importantes, principalmente frente ao que se chama de estudos *queer*, como Paul B. Preciado (2000), Judith Butler (2000, 2003) e Berenice Bento (2006, 2017), e passamos a mapear diferentes redes sociais, decidindo por utilizar nesta pesquisa, como campo investigativo, apenas o YouTube.

Assim, estabelecemos como nosso objetivo pesquisar de que maneiras as identidades de gênero não-binárias são produzidas e representadas no YouTube, através de canais de dois jovens não-binários. Para entendermos e analisarmos os trabalhos que estavam sendo realizados ao redor de nossa temática, selecionamos duas palavras-chave para iniciar nossa busca nos repositórios que optamos por mapear³, sendo essas: não-binariedade de gênero e gênero não-binário. O que nosso levantamento mostrou foi a baixa quantidade de produções acadêmicas nacionais acerca da temática, principalmente em nível de mestrado e doutorado⁴. Enquanto isso, encontramos um maior número de dissertações e teses abordando representações de pessoas trans nas mídias digitais. Nessa etapa da pesquisa, chegamos a conclusão de que o tema do gênero não-binário se mostrava como um desafio a ser explorado em nível acadêmico. Como um tema que emergia cada vez mais em discussões de nossa sociedade, inclusive em escala política global⁵, fazia-se necessário pautar o gênero não-binário academicamente, de modo a qualificar o debate e nos instrumentalizar frente aos constantes ataques a essas identidades.

³ Os repositórios onde foi feito esse mapeamento foram o repositório digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a plataforma Domínio Público e o catálogo de teses e dissertações da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

⁴ O levantamento foi realizado em 2021, no contexto da pesquisa que originou esse artigo. Naquele momento, apenas um trabalho de pós-graduação *stricto sensu* foi encontrado que abordasse o gênero não-binário especificamente, sendo esse da área da saúde. Alguns outros trabalhos abordaram a temática transexual de maneira mais ampla e conceituavam, dentro das discussões teóricas dos trabalhos, a transexualidade como inerentemente não-binária, como a tese de Doutorado de Mônica Cassana (2016).

⁵ Recentemente, com a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, pudemos ver o gênero não - binário como novamente pauta de ataques, com o presidente eleito alegando, em seu discurso de posse, que agora 'só existem dois gêneros'. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/01/20/agora-so-existem-dois-generos-masculino-e-feminino-diz-trump-em-discurso-de-posse.ghtml>. Acesso em: 7 fev. 2025.

Gênero não-binário

Para estabelecer o que entendemos, nessa pesquisa, como gênero não-binário, é necessário discutir gênero e algumas autoras centrais para o estudo desse conceito. O conceito gênero emergiu na segunda onda feminista⁶ dos países ocidentais, dos anos 1960 e 1970. Esse período histórico para o movimento feminista foi marcado pelo reconhecimento da necessidade da produção de um desenvolvimento teórico que apoiasse e fundamentasse a insurgência contra a subordinação e opressão das mulheres. Foi com a segunda onda feminista que foi trazido para a academia temas antes considerados apenas de âmbito privado, como vida familiar ou sexualidade, entre outros. É, então, nesse contexto que surgiu o conceito gênero, cunhado primeiramente por feministas anglo-saxãs, pretendendo romper a equação na qual a colagem de um determinado gênero a um sexo anatômico que lhe seria “naturalmente” correspondente resultava em diferenças inatas e essenciais, para argumentar que diferenças e desigualdades entre mulheres e homens eram social e culturalmente construídas e não biologicamente determinadas (Meyer, 2003, p. 15).

Entretanto, muitas estudiosas desse período, bem como ainda algumas feministas contemporâneas, entendiam o gênero como a leitura social do sexo, compreendido biologicamente. Hoje, estudamos que, assim como o gênero, o sexo e o corpo são construções socioculturais. Nesse sentido, Dagmar Meyer (2003) ressalta os processos educativos implicados na construção do gênero. Segundo a autora, educar abrange um complexo de forças e processos, para além das instituições formais de educação, no qual indivíduos são transformados e aprendem a se reconhecer como homens e mulheres (Meyer, 2003, p. 17). Da mesma maneira, adicionamos, indivíduos que podem não se reconhecer nesses artefatos culturais que consomem e os quais ensinam determinadas maneiras de ser homem ou mulher. Esse é o ponto importante para o que discutimos com essa pesquisa: existe, e de forma cada vez mais visível, uma profusão de pessoas que se colocam fora do binarismo de gênero que é ensinado e reforçado institucional e culturalmente.

Em “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” (2003), Judith Butler discute que gênero, ao lado das categorias binárias de

⁶ Para contextualizar as ondas feministas, baseio-me em Meyer (2003) que aponta que a história do movimento feminista em geral se referencia a uma primeira e segunda ondas deste movimento. Ao explicar didaticamente as ondas, Meyer (2003) ressalta a trajetória rica e multifacetada do feminismo que, desde a primeira onda, conta com uma multiplicidade de vertentes políticas.

sexo e corpo, atua criando um efeito de natural e inevitável. Segundo a filósofa, “[a] hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito” (Butler, 2003, p. 24). Constrói-se, nesse processo, a inevitabilidade da correspondência entre sexo, corpo, gênero e sexualidade, criando corpos inteligíveis dentro da matriz heterossexual que regula a sociedade. Assim,

Em sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas (Butler, 2003, p. 38).

É a partir dessa análise de gênero enquanto produção discursiva que a autora desenvolve seus estudos em torno de gênero como performance, sendo essa uma reiteração de uma norma ou de um conjunto de normas (Butler, 2000, p. 121). Tal performance evidencia o gênero como fabricação que se consolida e ganha contornos de natural a partir de atos repetitivos. Essa repetição é a um só tempo reencenação e a nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente, além de ser a forma mundana e ritualizada de sua legitimação (Butler, 2003, p. 200). É nesses atos performáticos que emerge a possibilidade de subversão do binarismo de gênero. Entre as repetições, abre-se espaço para as deformidades, evidenciando-se o caráter fictício do gênero como identidade fixa.

Em *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”* (Butler, 2000), a filósofa discute novamente a questão da performatividade de gênero, agora focando em seu vínculo com a materialidade do corpo. Para ela, sexo é um ideal cuja materialização é imposta através da reiteração forçada de normas. Da mesma maneira, a materialidade do corpo é condicionada aos efeitos do poder e do discurso. Nesse processo, produzem-se e desestabilizam-se as fronteiras do gênero, formando corpos abjetos que não são considerados humanos a partir das normas regulatórias que atuam em sua fabricação (Butler, 2000).

De acordo com Berenice Bento (2017), os pressupostos gerais para aqueles que fazem estudo dentro do que se chamaria de estudos queer, ou

estudos transviados⁷, são: 1) a negação de identidade como uma essência; 2) o combate ao suposto binarismo identitário; 3) a interpretação do corpo como um lugar de combate e disputa” (p. 133). A ressalva que a autora faz, entretanto, é que nenhuma teoria ou campo teórico dá conta das diversas experiências e particularidades de vida das pessoas trans, o que não impede de dar a devida importância a estudos que tratem sobre a transexualidade e a não-binaridade de gênero. Pelo contrário, isso as potencializa como pauta das discussões acadêmicas sobre gênero.

Outro teórico de relevância para essas discussões é o francês Paul Preciado. Em “Manifesto contrassexual” (2014), Preciado chama por um contrato no qual os corpos reconheçam-se não como homens ou mulheres, mas como corpos falantes⁸. O interessante que podemos tirar de seus escritos é pensar em uma possibilidade de existência para além do binarismo homem/mulher. Nessa perspectiva, supõe-se que o sexo, a sexualidade e o gênero devem ser compreendidos como tecnologias sociopolíticas complexas, escapando de um pensamento que fixa qualquer uma dessas categorias como categorias unicamente biológicas. Segundo o autor,

A natureza humana é um efeito da tecnologia social que reproduz nos corpos, nos espaços e nos discursos a equação natureza = heterossexualidade. O sistema heterossexual é um dispositivo social de produção de feminilidade e masculinidade que opera por divisão e fragmentação do corpo... (Preciado, 2014. p. 25).

Ainda, Preciado (2014) ressalta que o gênero se dá nas materialidades dos corpos. Assim, para além do caráter performativo e discursivo do gênero, é relevante observar a importância de sua materialidade: é no corpo que os gêneros se inscrevem e é, primordialmente, nele que os outros leem o nosso gênero.

Portanto, fazemos essa retomada do conceito de gênero para tensionar o binarismo homem/mulher que fundamenta nossa sociedade. Fundamentados, principalmente, nos três autores dos estudos *queer* que trouxemos nessa seção, pensamos o gênero não-binário enquanto possibilidade que o próprio binarismo de gênero produz. Assim, nos

⁷ Bento (2017) argumenta que utilizar o termo *queer* no contexto brasileiro carece de sentido, razão pela qual ela prefere falar em “estudos transviados” (Bento, 2017, p. 131).

⁸ Corpos que não reconheçam, a si mesmos e aos outros, a partir de seus gêneros.

instrumentalizamos teoricamente para analisar e tentar compreender - ou questionar - identidades de gênero que ganham cada vez mais visibilidade na sociedade atual.

O caminho metodológico: investigando representações não-binárias no YouTube

Esse artigo discute a presença do gênero não-binário no YouTube, buscando investigar e problematizar as representações acionadas por sujeitos não-binários e suas repercussões. Para isso, analisamos catorze vídeos previamente selecionados de dois canais⁹ do YouTube. Um dos canais selecionados já era de conhecimento pessoal de um dos pesquisadores, enquanto o outro foi encontrado pesquisando por “não-binário” no YouTube.

A escolha pelo YouTube como campo de investigação deu-se, primeiramente, pela visibilidade da rede no contexto brasileiro e mundial¹⁰. Em 2023, foi a plataforma mais consumida pelos brasileiros¹¹, além de sermos o terceiro país que mais acessa o YouTube mundialmente. Além disso, o YouTube assume um caráter educativo, seja abrigando diversos canais que veiculam diferentes tipos de ensinamento para milhares de espectadores ou a partir de projetos como YouTube EDU, em parceria com a UNESCO¹². Ao configurar-se como uma plataforma que dissemina tantos artefatos para uma quantidade tão imensa de pessoas, o YouTube emerge como um campo de pesquisa potente para a Educação e os Estudos Culturais.

O primeiro canal investigado é de Bryanna Nasck, que se apresenta como mulher trans não-binária¹³ e reside na cidade de Tatuí, em São Paulo. Além de ter ganhado notoriedade com seu canal do YouTube, Bryanna também tem um significativo número de seguidores no Twitter e no Instagram. O

⁹ Segundo Montañó (2017), a nomenclatura “canal” é uma referência metafórica ao que conhecemos por canais de TV, e, no entanto, ressignifica tais territórios.

¹⁰ Segundo ranking atualizado, é o segundo site mais acessado do mundo. Disponível em: <https://www.similarweb.com/top-websites/>. Acesso 15 set. 25

¹¹ Disponível em: <https://shre.ink/SvHN>. Acesso 15 set. 25

¹² Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/articles/youtube-edu>. Acesso em 15 set. 25

¹³ Segundo Bryanna, que diz não se ver nem como homem, nem como mulher, “[d]izer que sou mulher trans é trazer ao mundo como é ser eu da forma mais simples possível. O ‘não binária’ estende a conversa, fala sobre estereótipos de gênero e como somos mais complexos do que imaginamos”. De acordo com a *youtuber*, ela se identificava com as nuances de ser uma mulher trans, mas não era totalmente contemplada por aquilo. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/02/15/quem-sao-as-pessoas-nao-binarias.htm>. Acesso em: 16 dez. 2021

segundo canal é de Cup, um jovem estudante de publicidade e propaganda que se afirma como agênero¹⁴ e reside em Aracaju, no Sergipe. Cup teve acesso às discussões sobre não-binariedade a partir de conteúdos e pessoas estrangeiras que já falavam sobre o tema na Internet, enquanto no Brasil ainda pouco se falava sobre isso. Em troca de e-mails conosco, Cup também citou Judith Butler como sua principal inspiração teórica¹⁵.

Em nosso mapeamento inicial dos canais, pudemos observar que ambos youtubers tratam de assuntos bastante diversos. Bryanna Nasck, por exemplo, conta com 519 vídeos e 148 mil inscritos em seu canal, tratando de assuntos como games, relacionamentos, cabelo e maquiagem, corpo e saúde mental, gênero e sexualidade, entre outros. Já o canal de Cup tem 34,2 mil inscritos e 272 vídeos¹⁶, que também abordam uma diversidade de temas, como estilo, cabelo, séries, linguagem, gênero e sexualidade. Dado o alto número de vídeos dos dois canais somados, e considerando que muitos, por abordarem outros assuntos que não o gênero não-binário, não trariam elementos suficientes para análise, foi necessário realizar um recorte. Assim, primeiro voltamos para aqueles que indicavam, desde o título do vídeo, tratar a não-binariedade de gênero. As exceções foram “Tour pelo meu corpo Trans” da Bryanna, “Apareci na BBC e olha o HATE que recebi” e “Vestindo meu corpo TRANS” de Cup. Achamos interessante incluir “Tour pelo meu corpo Trans” e “Vestindo meu corpo TRANS” pois mostram corpos de pessoas não-binárias e como elas se relacionam com ele, o que enxergamos como uma estratégia de representação. Já “Apareci na BBC e olha o HATE que recebi” aborda a reação de Cup aos comentários recebidos em uma reportagem feita pelo *site* da BBC sobre pessoas não-binárias, então também julgamos interessante trazê-lo para o *corpus* de pesquisa, principalmente pois um de nossos focos foi analisar as disputas entre as representações de gênero não-binário e os comentários de ódio.

Como será observado, os 14 vídeos selecionados para análise datam de 2016 a 2019, pois vão desde o período inicial dos canais até o momento de realização da pesquisa a que se refere esse artigo. Salientamos, ainda, que entre esses 14 vídeos apenas um segue disponível online. Entretanto,

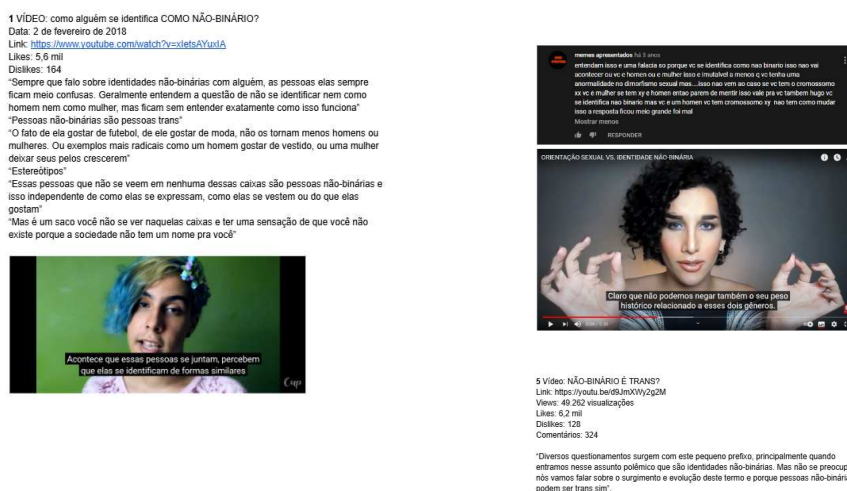
¹⁴ Para Cup, agênero é uma identidade que está englobada pelo gênero não-binário. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CPEZBGLhAin/>. Acesso em: 3 nov. 2021

¹⁵ Após definidos os canais a serem estudados, encontramos seus contatos através de suas redes sociais e enviamos e-mail para cada um deles explicando sobre a pesquisa e perguntando um pouco sobre como começou o canal e sobre quais suas referências sobre gênero. Apenas a Cup respondeu.

¹⁶ De acordo com checagem feita em 18 de julho de 2025.

considerando que estavam disponíveis no momento que foram realizadas suas análises, optamos por mantê-los nesse artigo, com os *links* originais disponíveis nas tabelas. Além disso, durante o período da pesquisa, foi feita uma pasta *online* com os dados produzidos, contando com o *download* de cada vídeo, um documento com capturas de tela e trechos de momentos considerados mais relevantes para os pesquisadores, bem como capturas de tela de comentários marcantes deixados por usuários. Conforme apresentado na **Figura 1**, esse arquivo ainda segue, e assim seguirá, disponível para ambos autores da pesquisa.

Figura 1: Arquivo online com os dados produzidos pela pesquisa



Fonte: Acervo pessoal. Captura de tela em 16/09/2025

A seguir, reproduzimos as tabelas elaboradas com os vídeos selecionados mantendo seus títulos e links tais quais aparecem nos canais. Feitas essas considerações iniciais, descreveremos, na próxima seção, os caminhos metodológicos empreendidos, bem como apresentamos uma problematização do YouTube e da Internet, ao mesmo tempo que apontamos sua potencialidade como campo de pesquisa.

Tabela 1: Vídeos selecionados do canal Bryanna Nasck

Título do vídeo	Data de postagem	Link do vídeo
“-O QUE VOCÊ É?!” MINHA IDENTIDADE DE GÊNERO NÃO-BINÁRIO	24 de janeiro de 2016	https://youtu.be/IZ2TcvhygQ0
ORIENTAÇÃO SEXUAL VS. IDENTIDADE NÃO-BINÁRIA	15 de maio de 2016	https://youtu.be/R8983bhMuL8
NÃO-BINÁRIO É TRANS?	16 de novembro de 2016	https://youtu.be/d9JmXWY2g2M
NÃO-BINÁRIO NÃO EXISTE!	18 de dezembro de 2016	https://youtu.be/Qmw_3-2A_Ho
SOU HOMEM OU MULHER? IDENTIDADE NÃO-BINÁRIA	5 de fevereiro de 2017	https://youtu.be/HdWUCLoli-g
COMO É SER MÃE DE UMA PESSOA NÃO-BINÁRIA	2 de setembro de 2017	https://youtu.be/TpYvGrg2si8
COMO SE DESCOBRIR TRANS NÃO-BINÁRIO	9 de abril de 2019	https://youtu.be/1pEGr3M3idU
Coisas que somos OBRIGADES a ler por que somos TRANS NÃO-BINÁRIO	17 de julho de 2019	https://youtu.be/XTHyy93v0vg
Tour pelo meu corpo trans	27 de outubro de 2019	https://youtu.be/jvAAvn47Q_A

Fonte: Acervo pessoal

Tabela 2: Vídeos selecionados do canal Cup

Título do vídeo	Data de postagem	Link do vídeo
O QUE AS PESSOAS ACHAM DE NÃO-BINÁRIOS	8 de setembro de 2016	https://youtu.be/S3TIB9zLVvQ

como alguém se identifica COMO NÃO- BINÁRIO?	2 de fevereiro de 2018	https://www.youtube.com/watch?v=xletsAYuxlA
Toda pessoa NÃO-BINÁRIA se trata no NEUTRO?	24 de julho de 2018	https://youtu.be/37AG8ezTSKI
Sim, eu sou TRANS!	1 de setembro de 2018	https://youtu.be/bDi1NgKFWoU
Apareci na BBC e olha o HATE que recebi	13 de abril de 2019	https://youtu.be/ykyXODpyZQ0

Fonte: Acervo pessoal

Apontamentos sobre netnografia e análise cultural

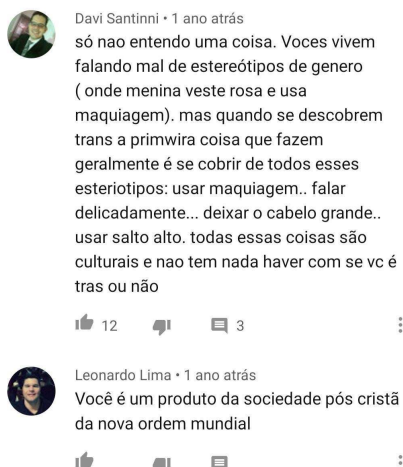
A pesquisa que empreendemos se caracteriza como uma análise cultural e, como tal, utiliza-se de diferentes campos teóricos e metodológicos. Comum aos Estudos Culturais e proposta por Raymond Williams a partir do materialismo cultural (1979), esse tipo de análise ganha destaque por dar visibilidade a relações que não são referidas nas análises tradicionais. A análise cultural busca deslocar-se da estruturação política e econômica, mas procura investigar essa estruturação nas expressões da vida social (Moraes, 2016. p 30). A partir dos Estudos Culturais, os artefatos do cotidiano ganham importância. Dentro da sua articulação com a Educação, conseguimos pensar tais artefatos enquanto pedagógicos. Desse modo, entendemos que os vídeos do YouTube, por exemplo, ensinam modos de ser e agir no mundo, caracterizando assim seu valor pedagógico enquanto artefatos culturais. Além disso, a perspectiva dos Estudos Culturais entende que, a partir da análise da cultura e da mídia de determinado tempo e espaço, pode-se compreender a situação política daquele contexto. Portanto, considerando a contextualidade radical dos Estudos Culturais (Grossberg, 2015), defendemos que essa pesquisa deve ser lida considerando o quadro conjuntural em que se encontra nosso país e o mundo¹⁷.

¹⁷ Como a ultradireita avança a agenda da “nova ordem mundial”. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/como-a-ultradireita-avanca-a-agenda-da-nova-ordem-mundial>. Acesso em: 9 jul 25.

No processo de análise, utilizamos alguns elementos da netnografia, definida por Robert Kozinets (2014, 2015) como pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo *online*. Participante porque, mesmo não estando diretamente implicado naquelas relações que analisa, o pesquisador é íntimo do mundo *online* e muitas vezes usuário daquelas redes que está investigando - como é o caso aqui, com o YouTube. Segundo esse autor, essa metodologia emerge para tentar dar conta desse “ecossistema individual e social de dados” (Kozinets, 2015). Nesse sentido, o pesquisador que se utiliza dessa metodologia busca analisar as relações humanas afetadas pelas novas tecnologias, como as mídias digitais. Para Kozinets (2015), compreender o que fazemos com os números exponenciais de usuários e acessos nas redes sociais digitais é o propósito da netnografia que, com isso, busca entender as interações humanas a partir de uma óptica cultural.

Ainda, Kozinets (2015) nos dá direcionamentos para compreender as relações estabelecidas no campo aqui estudado, ou seja, entre as youtubers e o público que as assiste e entre o próprio público, observadas nas trocas de comentários nos vídeos dos dois canais. Segundo o autor, uma importante fonte de relação na Internet é o compartilhamento de interesses comuns. Se esses interesses comuns são um tópico polarizado, cria-se uma relação de “nós versus eles”. Nesse sentido, a caixa de comentários dos vídeos dos canais aqui analisados são espaços de disputas polarizadas onde indivíduos que não se conhecem, se colocam de um mesmo lado a partir de seus interesses e crenças em comum, como na **Figura 2**. Assim, optamos pela utilização da netnografia para ressaltar a importância da mediação das redes sociais digitais nessa pesquisa, compreendendo que as interações ali colocadas se diferem de interações face a face. Pois, apesar de não ser o objeto principal, o componente *online* é central para as análises desenvolvidas. A netnografia, então, surge como uma metodologia para dar conta “dos novos espaços culturais não presenciais que estão sendo constituídos e que vêm modificando o modo de ser, de agir e de estar das pessoas do mundo” (Martins, 2012, p. 3).

Figura 2: Comentários no vídeo “COMO SE DESCOBRIR TRANS NÃO-BINÁRIO”



Fonte: Acervo pessoal. Captura de tela em 03/10/2020

O YouTube e a internet enquanto campos de pesquisa

O caminho metodológico apreendido aqui emerge para dar conta de um novo cenário, em que os principais envolvidos são jovens, tanto como criadores quanto como consumidores de conteúdo¹⁸. Acreditamos que, para falar em identidades de gênero na infância e na juventude, não podemos não levar em conta a relação que o alto acesso à tecnologia tem em suas formações. Sendo assim, essa pesquisa olha para a Internet enquanto um espaço educativo que ensina e constitui formas de ser e agir de pessoas de todas as idades, especialmente jovens e crianças, mostrando-se um campo de pesquisa com grande potencialidade para compreendermos mais sobre as infâncias e juventudes do mundo contemporâneo.

Vivemos na era das mídias digitais, cujas muitas de suas principais repercussões advêm, poderíamos dizer, de seu caráter participativo. Possibilidades de interação como comentários em páginas da web, enciclopédias virtuais colaborativas e os sistemas de classificação dos conteúdos postados na rede por outros usuários, como as “curtidas” ou a seleção de páginas e conteúdos favoritos, são alguns dos elementos formadores da cultura virtual do século 21. Entretanto, essa dinâmica colaborativa não pode ser compreendida como garantia de verdade ou

¹⁸ Em estatística de 2023, a principal faixa etária dos usuários do YouTube está entre 15 e 35 anos. Disponível em: <https://shre.ink/x9kz>. Acesso em: 8 fev. 2025

igualdade. Nesse sentido, não se pode pensar que as relações sociais estabelecidas na internet são planas e estáveis. Alê Primo (2007) nos convida a pensar que, apesar do fator de mediação tecnológica ser fundamental para pensar as dinâmicas sociais que perpassam a Web 2.0¹⁹, apenas isso não basta para explicá-las. Nessas dinâmicas, interessa-nos olhar para as interações mútuas mediadas pela rede de computadores.

Nesse modelo de interações, importam três elementos que se inter-relacionam: os participantes, a relação e o contexto (Primo, 2007). A partir disso, posicionamos as vozes que escutamos na pesquisa (as jovens youtubers cujos canais são foco das análises e os usuários da rede YouTube que deixam seus comentários nos vídeos) como participantes, pensamos a relação que se estabelece entre os vídeos, as youtubers e os comentários recebidos, e o contexto no qual essas relações são experienciadas. Ainda, Primo (2007) atenta que, na interação que se desenvolve entre os participantes, o relacionamento é construído a partir de um processo de negociação, o que nos é útil para pensar as disputas que discorrem nas caixas de comentários dos vídeos analisados. Tais dinâmicas de interação mútua inserem-se no que Henry Jenkins (2006) chama de cultura da convergência²⁰. A cultura da convergência incentiva e se alimenta da ampla participação, interação e criatividade daqueles que anteriormente eram considerados apenas consumidores e espectadores. Nesse contexto, a Web 2.0 surge como lugar privilegiado para a produção amadora e inovadora. Dentro da Web 2.0, o YouTube aparece como um dos destaques da “arquitetura da participação”, extraindo grande parte de seu valor de conteúdos gerados por outros usuários (Jenkins, 2006, p. 286).

O YouTube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos surgida em 2005 e sediada na Califórnia. Em seu primeiro ano de existência, já contava com 2 milhões de visualizações diárias e milhares de usuários registrados. Ao longo dos anos, o YouTube passou a incentivar financeiramente a criação de vídeos para a plataforma, criando sistemas de parcerias, pagamentos de direitos autorais e anúncios nos vídeos. Em 2007, nasceu a versão em português brasileiro que, em 2020, foi o segundo *site* mais acessado em todo país.

¹⁹ A autora utiliza o termo Web 2.0, popularizado pela O'Reilly Media, para se referir a uma era de serviços online focada no compartilhamento, organização de informações e interação entre os participantes desse processo (Primo, 2007).

²⁰ Segundo Jenkins (2006): “onde as novas e velhas mídias colidem, onde mídia corporativa e alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder de consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (p. 30).

O YouTube tem como sua autoproclamada missão “dar a todos uma voz e revelar o mundo”²¹. Segundo a plataforma, essa missão imbrica-se com quatro pilares: liberdade de expressão, direito à informação, direito à oportunidade e liberdade para pertencer. Ela permite que as pessoas que criam seus conteúdos para a plataforma ganhem com isso, através da monetização. A monetização do YouTube é a remuneração paga pelas visualizações em cada vídeo e pelos acessos aos anúncios veiculados. Para que isso seja possível, há que se ter um número mínimo de seguidores no canal e de visualização nos vídeos. Conquistado isso, é possível se inscrever no Programa de Parcerias do YouTube, que dá direito à monetização.

Fora os anúncios e a remuneração por visualizações, outras maneiras de se fazer dinheiro no YouTube são os apoiadores – seguidores que contribuem financeiramente com o canal em troca de algum benefício –, o Super Chat – quando, em transmissões ao vivo, algum usuário paga para ter sua mensagem divulgada nos vídeos –, os seguidores que são assinantes do YouTube Premium e a divulgação de produtos ou serviços diretamente nos vídeos. Dentro desse contexto, emerge a categoria de youtubers, que são essas pessoas que veiculam seus conteúdos na plataforma YouTube e ganham certa visibilidade com isso, conquistando seguidores, apoiadores e até fãs. Com isso, essas pessoas ganham *status* de influenciadoras – ou *influencers* – digitais. Segundo Danielle Costa de Souza Simas e Albefredo de Melo de Souza Júnior (2018), o termo *influencer* se refere às pessoas que se destacam nas redes digitais e conseguem mobilizar um número significativo de seguidores, principalmente a partir da divulgação de sua rotina, seus pensamentos e suas preferências. As mídias digitais, como o YouTube, permitiram que indivíduos ditos “comuns” ganhassem popularidade ao facilitar a produção e divulgação de conteúdo próprio. O compartilhamento de tal conteúdo atrai o público por criar uma sensação de proximidade com o youtuber ao mesmo tempo que fornece a sensação de uma vida ideal mais alcançável, na qual os espectadores podem projetar seus desejos.

Formando e contestando representações no YouTube

Segundo Stuart Hall (2016), em “Cultura e Representação”, a representação é parte primordial da produção e compartilhamento de significados em uma cultura. Visto que os significados não são fixos, a representação torna-se centro de disputas e contestação. Assim, ela se mostra

²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/>. Acesso em: 19 mar. 2021.

como reivindicação importante para grupos considerados fora da norma, pois os significados culturais em torno deles constantemente os colocam como estranhos ou anormais, o que corrobora e contribui com sua exclusão do acesso a direitos básicos de vida. Negar sua importância é desconhecer ou ignorar a centralidade que ocupa na circulação de significados em uma dada cultura e como isso afeta a existência de todos, principalmente aqueles marcados pela diferença. É nesse sentido que os sujeitos fabricam e põem em prática estratégias de representação como esforço para reforçar ou contrapor os significados circulantes na cultura.

Como exposto anteriormente, o filósofo francês Preciado (2014) propõe a substituição do contrato social heterossexual pelo que chama de “contrato contrassexual”. A partir desse contrato, superariam-se as diferenças oriundas do sistema binário sob o qual se fundamenta o contrato social heterossexual homem-mulher pois não mais seríamos reconhecidos pelo nosso gênero. Assim, a contrassexualidade de Preciado (2014) se coloca à margem dos discursos hegemônicos, por se situar fora de oposições binárias. Nesse caminho, Bryanna e Cup se valem de estratégias para colocar em circulação significados que buscam superar os significados hegemônicos sobre identidades trans e não-binárias. Essas estratégias são justificadas em falas como a de Bryanna no vídeo “COMO SE DESCOBRIR TRANS NÃO-BINÁRIO”, **Figura 3**, no qual ela diz que, durante sua vida, não via pessoas que representassem quem ela era ou como ela se sentia. Assim, Bryanna viu a necessidade de ela mesma trazer a representação da qual sentiu falta.

Figura 3: Vídeo “COMO SE DESCOBRIR TRANS NÃO-BINÁRIO” - Bryanna Nasck



Fonte: Acervo pessoal. Captura de tela em 03/10/2020

Como mencionado na seção anterior, um dos recursos importantes do YouTube é a possibilidade do usuário compartilhar sua vida diária com os outros, colocando-se dentro de um contexto maior da Internet como facilitadora da publicização da vida privada, redimensionado as dimensões entre o público e o privado na cibercultura do século XXI (Santana, Couto, 2012, p. 34). Acreditamos, a partir de nossas reflexões sobre os vídeos selecionados, que esse compartilhamento da vida privada atua como uma estratégia de representação acionada pelas jovens youtubers. Os vídeos, em formato de *vlog*, simulam uma intimidade entre youtuber e espectador. O *vlog* é como um diário sendo compartilhado publicamente para qualquer um que tenha acesso, comumente gravado nos espaços em que youtubers circulam em sua vida pessoal, ou seja, não em um estúdio de produção profissional. Nesse sentido, os vídeos ganham uma funcionalidade de diário íntimo, ou melhor, diário íntimo pois consiste em expor a própria intimidade nas redes digitais (Sibilia, 2008). Segundo Paula Sibilia (2008),

Ao longo da última década, a rede mundial de computadores tem dado à luz um amplo leque de práticas que poderíamos denominar “confessionais”. Milhões de usuários de todo o planeta (...) têm se apropriado das diversas ferramentas disponíveis online, que não cessam de surgir e se expandir, e as utilizam para expor publicamente sua intimidade. Gerou-se, assim, um verdadeiro festival de “vidas privadas”, que se oferecem despidoradamente aos olhares do mundo inteiro (p. 27).

Assim, os youtubers utilizam seus canais como um diário pessoal, contando partes de si. Essa intencionalidade fica explícita em falas como a de Bryanna, quando diz:

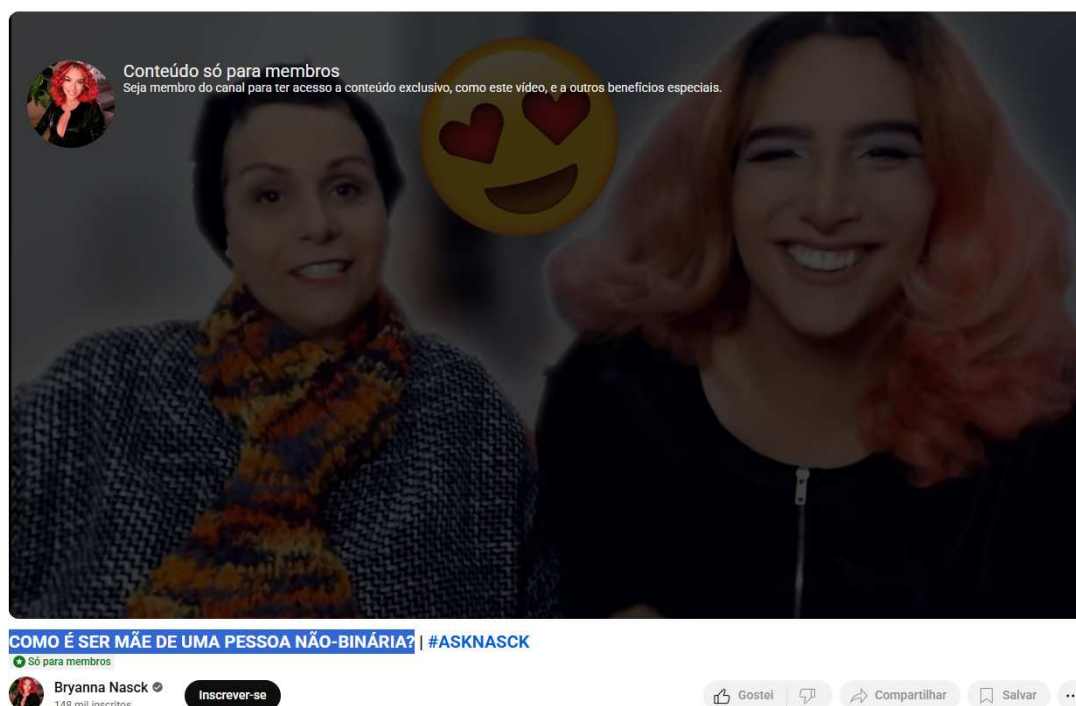
“Então, quando eu faço os vídeos sobre questões não-binários, quando compartilho minhas histórias de vida, é exatamente para permitir que vocês olhem para a minha existência, vejam como ela é e reflita sobre meu próprio caminho” Bryanna Nasck - *“COMO SE DESCOBRIR TRANS NÃO-BINÁRIO”*

Nesse sentido, compartilhar sua história é se aproximar de quem a assiste, criar um vínculo com aqueles que escutam sua intimidade. É não apenas se colocar como exemplo para os outros, mas também oportunizar a sensação de pertencimento. Bryanna compartilha momentos e partes íntimas

de sua vida, como ao mostrar suas cicatrizes em “Tour pelo meu corpo Trans” ou quando conta lembranças de sua infância.

A construção desse sentimento de intimidade também passa pela linguagem utilizada nos vídeos. A linguagem utilizada pelas duas youtubers é bastante informal e apesar de, muito provavelmente, ambas terem um roteiro de antemão pensado para seus vídeos, eles acontecem de maneira bem fluida, como se fosse uma conversa face a face entre duas pessoas. Em seu canal, Bryanna também conta com um vídeo onde apresenta sua mãe como convidada. Nesse vídeo, a mãe de Bryanna responde algumas perguntas deixadas pelos seguidores da filha nas redes sociais. Hoje em dia, este vídeo está limitado apenas para membros do canal, como apresentado na **Figura 4**.

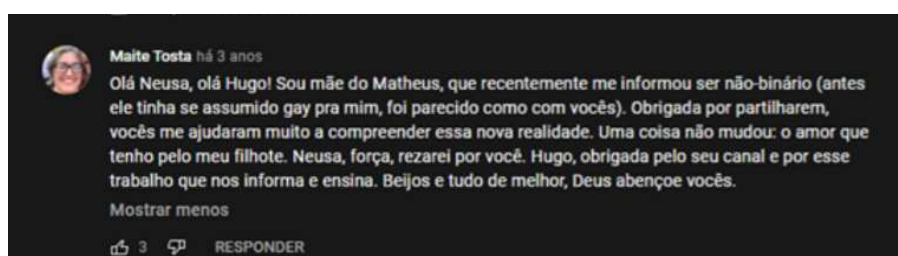
Figura 4: Vídeo “COMO É SER MÃE DE UMA PESSOA NÃO-BINÁRIA?” - Bryanna Nasck



Fonte: Arquivo pessoal. Captura de tela em 16/09/2025

Também visualizamos isso como uma estratégia de aproximar a youtuber de seus inscritos ao trazer para eles um pouco de sua vida familiar e da íntima relação que elas demonstravam ter. Além disso, no vídeo, a mãe de Bryanna compartilha com os espectadores a sua própria perspectiva das descobertas da filha com relação a seu gênero e a sua sexualidade, trazendo um novo ponto de vista para o canal da youtuber e ao qual os espectadores poderão se relacionar, visto que muitos passam por situações nas quais suas próprias famílias acolhem, ou não, seu gênero e sua sexualidade, como mostrado na **Figura 5**.

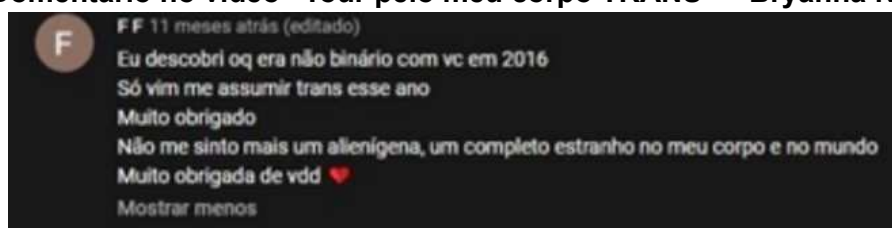
Figura 5: Comentário no vídeo “COMO É SER MÃE DE UMA PESSOA NÃO-BINÁRIA?” - Bryanna Nasck



Fonte: Acervo pessoal. Captura de tela em 18/02/2021

Essa estratégia de criar intimidade com quem assiste aos vídeos é bem recebida em muitos comentários e ganha, para os canais, diversos inscritos. Vemos isso em comentários de internautas que afirmam conhecer o canal de Bryanna Nasck há anos. Em outro comentário, essa aproximação quebra, para algumas pessoas, a imagem da pessoa não-binária como “alienígena”.

Figura 6: Comentário no vídeo “Tour pelo meu corpo TRANS” – Bryanna Nasck



Fonte: Arquivo pessoal. Captura de tela em 18/02/2021

O alienígena que comenta o usuário é o monstro de Jeffrey Jerome Cohen (2000). Segundo esse autor, o monstro é um deslocamento, é o diferente e mutável que ameaça a cultura e a sociedade. O monstro escapa às categorizações que fundamentam a sociedade, ao mesmo tempo que as permite. Eles “são híbridos que perturbam, híbridos cujos corpos externamente incoerentes resistem a tentativas para incluí-los em qualquer estruturação sistemática” (Cohen, 2000, p. 30). De acordo com o autor, o monstro delimita os espaços que os corpos privados podem transitar, pois se mostra como ameaça constante à normalidade. O monstro é ameaçador: “ele ameaça revelar que a diferença tem origem no processo e não no fato (e que o “fato” está sujeito à constante reconstrução e mudança)” (Cohen, 2000, p. 45). Assim, a estratégia de criar uma aproximação e intimidade com o público visa distanciar as youtubers desse papel. Nesse sentido, desfaz-se (ou intenta se desfazer) da imagem exagerada de alienígena que ocupam a partir de sua alteridade.

Mas, do mesmo jeito que repele, o monstro também atrai. O monstro ataca a curiosidade e as fantasias, seduz pela sua própria monstruosidade. Bryanna e Cup atraem, para seus vídeos, diversos usuários que classificam-nas diretamente como monstros, como vemos através dos comentários de ódio. Segundo Cohen (2000), “o monstruoso é uma espécie demasiadamente grande para ser encapsulada em qualquer sistema conceitual” (p. 32). Portanto, ao não encontrarem conceito neste mundo para os monstros não-binários, os internautas os classificam como criaturas de outro planeta. Cup e Bryanna desintegram “a lógica silogística e bifurcante do ‘isto ou aquilo’” (Cohen, 2000, p. 32), não bastando, para falar sobre elas e suas experiências, os conceitos binários que conhecemos. Assim, apoiados pelos discursos e representações hegemônicos, os internautas expressam sua confusão de maneira hostil. O monstro lhes escapa e, portanto, ratifica sua monstruosidade. O monstro, enquanto corpo abjeto, precisa ser negado de sua vida. O monstro não merece palavras gentis.

Figura 7: Comentário no vídeo “- O QUE VOCÊ É?! | MINHA IDENTIDADE DE GÊNERO NÃO - BINÁRIO - Bryanna Nasck”



Fonte: Acervo pessoal. Captura de tela em 11/02/2021

Um dos diferenciais do YouTube é que ele não dá enfoque a mecanismos de trocas de mensagens instantâneas, que são grande parte da popularidade de outras redes sociais. Muitas das trocas do YouTube, no entanto, são concretizadas não em um *chat* privado, mas sim nos próprios vídeos que são disponibilizados na rede para livre acesso. Os estudiosos do YouTube Jean Burgess e Joshua Green (2008) irão dizer que, enquanto a arquitetura do YouTube é pensada principalmente em uma lógica de produção individual, muitos usuários buscam outras maneiras de estabelecer colaborações uns com os outros na plataforma. Bryanna Nasck, por exemplo, criou, em 2020, a hashtag #FuturoTrans2020, um projeto colaborativo no qual, a cada vídeo, uma pessoa trans diferente conta sua história. Em diversos vídeos de Bryanna e Cup, surge o convite para que quem os assiste deixe comentários com suas próprias sugestões ou opiniões sobre o assunto que está sendo tratado. Sob essa lógica, logo quando iniciou seu canal, Cup propôs um quadro chamado “Cup, me ajuda?!”, onde ele recebia comentários e emails pedindo conselhos. Esses conselhos, ao invés de virem em resposta direta via e-mail, eram gravados em vídeos e postados no canal. Posteriormente, ela também criou o quadro “Tirando Dúvidas”, onde trazia convidados para responder questões sobre temas específicos, muitos dos quais apareciam nos comentários de seus vídeos. Esse movimento aproxima as youtubers do seu público, configurando-se como um chamado para que ele siga interagindo cada vez mais. Como argumentamos previamente, vemos essa aproximação como uma estratégia representacional acionada por ambas. Essa abertura ao

engajamento proporcionada pelo YouTube, somada ao convite constante de Bryanna e de Cup pela interação do público, gera uma miríade de conteúdos, opiniões e questionamentos no campo de comentários de cada vídeo.

Os comentários das mídias digitais são relevantes para entendermos as disputas acerca das identidades e a maneira que se constroi a alteridade como objeto de ódio. A Internet é um ambiente propício para discussões ou monólogos exaltados, seja com mensagens que enaltecem e louvam algo ou alguém, quanto com mensagens de ódio e palavras de repulsa. A sensação de anonimato que a Internet oferece pode ser uma dessas motivações, por passar às pessoas uma sensação de segurança e de impunidade. Esse tipo de comunicação vira parte integrante da Web 2.0 e corrobora e intensifica violências contra grupos marginalizados ao oferecer sensação de liberdade e proteção aos seus propagadores, como Cup constata em um de seus vídeos:

“Porque, assim, as pessoas gostam de usar a Internet para falar o que quiser, como se não existisse amanhã.” Cup - “Apareci na BBC e olha o HATE que recebi”.

Além dos comentários de ódio, aparecem também diversos comentários que expressam gratidão às youtubers. Alguns usuários expressam que os vídeos delas os ajudaram a entender mais sobre sua própria identidade de gênero. Assim, a atuação dos vídeos do YouTube enquanto artefatos que produzem identidades e subjetividades, ensinando modos de ser e de agir, vê-se ainda mais evidenciada.

Figura 8: Comentário no vídeo “COMO SE DESCOBRIR TRANS NÃO-BINÁRIO?” Bryanna Nasck



Fonte: Arquivo pessoal. Captura de tela em 03/10/2020.

O comentário da **Figura 4** evidencia a dúvida sobre a sua própria identidade e deixa explícito que, nesse processo, o vídeo auxilia essa

identificação. Como mencionado, esses comentários nos levam a perceber o caráter pedagógico dos vídeos de Cup e Bryanna. As youtubers produzem conteúdos que subjetivam e conduzem os sujeitos, atuando na construção de suas identidades. Tais conteúdos estão inseridos em um contexto no qual a cultura e as mídias digitais são duas das principais instâncias sociais de produção de identidades e subjetividades no século 21 (Wagner, Sommer, 2007). Jovens e crianças buscam no YouTube respostas que não encontram em outros espaços, sejam espaços escolares, acadêmicos ou de mídia tradicional. Gradualmente, as produções sobre o gênero não-binário crescem, mas para muitas pessoas ainda não é de fácil acesso. Quando o comentário diz que “me vi de fato desamparado com a falta de informações em português” (**Figura 9**), ele encontra eco nas experiências de Bryanna e Cup, que não encontraram no Brasil, pelo menos inicialmente, pessoas que falassem sobre gênero não-binário.

**Figura 9: Comentário no vídeo “COMO SE DESCOBRIR TRANS NÃO-BINÁRIO”
Bryanna Nasck**



Fonte: Acervo pessoal. Captura de tela em 03/10/2020

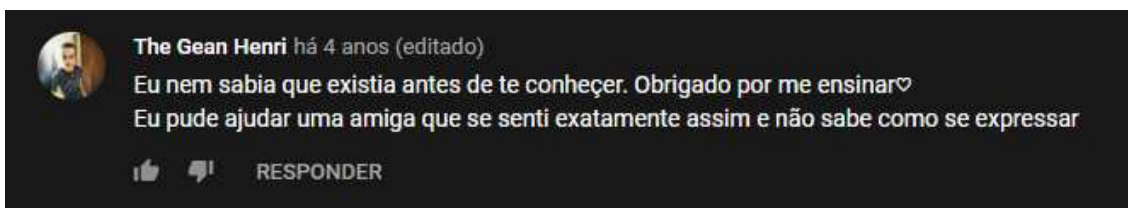
Para nos auxiliar a pensar o YouTube como espaço educativo, que atua no processo de formação das identidades de gênero, fazemos uso do conceito de pedagogias culturais. Esse conceito emerge da articulação entre os Estudos Culturais e a Educação para nos ajudar a pensar as possíveis relações entre

os artefatos culturais e os processos educativos que constituem as identidades dos sujeitos. Nesse sentido, de acordo com Paula Deporte de Andrade e Marisa Vorraber Costa (2015), as pedagogias culturais expandem e multiplicam o entendimento sobre pedagogia, além de explicar o caráter pedagógico da vida social e cultural. É a partir disso que conseguimos pensar o YouTube enquanto espaço educativo para além das instituições formais de educação.

Para essa pesquisa, entendemos os vídeos postados no YouTube como artefatos culturais e compreendemos que existe ali um caráter de pedagógico na medida em que enxergamos, através de nossas análises, processos educativos que ensinam determinadas formas de ser, de se ver e de agir, bem como atuam na constituição de subjetividades e identidades dos sujeitos. Segundo Wagner e Sommer (2007), os artefatos culturais, como aqueles produzidos e distribuídos na Internet, são educativos pois colocam em circulação determinadas representações, constituindo-se como materiais a partir dos quais os indivíduos vão construindo suas identidades e internalizando valores e formas de pensar e agir. Assim, as pedagogias culturais se mostram como uma potente ferramenta conceitual e analítica para pensarmos as mídias digitais na sociedade contemporânea.

Segundo Viviane Castro Camozzato e Marisa Vorraber Costa (2013), a pedagogia corresponde a um conjunto de saberes e práticas que operam na produção de determinadas formas de ser sujeito. Ao encontro disso, os ensinamentos que o público de Bryanna e Cup afirma obter dos vídeos assistidos, como na **Figura 10**, atuam em sua subjetivação e na condução de si (Camozzato, Costa, 2013, p. 26). Ainda de acordo com as autoras, “nas dificuldades para educar num mundo com mudanças tão incisivas, mais pedagogias emergem para corresponder a novas necessidades” (p. 30). Assim, na insuficiência de informações sobre um tema que emerge como relevante em sua vida, os usuários recorrem a vídeos do YouTube como fonte de estudo e aprendizagem. Quanto a isso, é importante dizer que nem Cup, nem Bryanna mencionam em seus vídeos, quais referências bibliográficas utilizam para se fundamentar em suas discussões sobre gênero não-binário. Com isso, distanciam-se ainda mais dos espaços formais de educação.

Figura 10: Comentário no vídeo “NÃO-BINÁRIO NÃO EXISTE!” Bryanna Nasck



Fonte: Acervo pessoal. Captura de tela em 05/09/2021

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando realizamos essa pesquisa, nosso intuito foi investigar quais e como representações de gênero não-binário estavam sendo veiculadas na Internet a partir de vídeos de pessoas não-binárias e as repercussões que isso enfrentava. Quisemos reforçar a importância de trazer a não-binariedade para as discussões acadêmicas sobre gênero, compreendendo que é um debate com muitos pontos de interrogação cujas reflexões ainda permanecem, por vezes, limitadas a espaços informais que carecem de contribuições teóricas que nos auxiliem a pensar a materialidade do gênero não-binário.

Neste processo, foi importantíssimo o mergulho nos aportes teóricos dos Estudos Culturais em Educação pois, com eles, pudemos pensar os vídeos dos canais de Bryanna Nasck e Cup como artefatos culturais que não só produzem identidades e subjetividades, como também propagam ensinamento educando os sujeitos. Além disso, os Estudos Culturais em Educação possibilitaram que essa pesquisa utilizasse os conceitos de representação e de pedagogias culturais que atuam na produção de significados nas esferas social e cultural. Ainda, utilizamos elementos da netnografia para realizar um estudo de campo no YouTube, considerando-o enquanto espaço pedagógico.

A partir das análises, munidos das lentes teóricas fornecidas pelos Estudos Culturais e pelos Estudos de Gênero, observamos que os vídeos de Bryanna Nasck e Cup no YouTube colocam em circulação representações de gênero não-binário e, dessa maneira, buscamos enxergar de que modo isso é feito por ambas youtubers e como isso repercute nas pessoas que chegam até seus vídeos. Defendemos, portanto, que o YouTube se configura como uma das principais plataformas de mídia da sociedade contemporânea que atua na produção de significados, identidades e comportamentos ao veicular

representações que serão mais ou menos aceitas por aqueles que acessam o *site*.

Nosso intuito com essa pesquisa e com esse artigo não foi de tecer julgamentos a Bryanna e a Cup, mas compreender as representações de gênero não-binário ali conduzidas e as disputas em torno delas. Dessa maneira, problematizamos a Internet e o YouTube enquanto espaços educativos que acabam sendo o instrumento que diversas pessoas buscam para se informar e se formar em temas e assuntos que ainda escapam dos espaços institucionais. Além disso, ressaltamos também que é problemática a ideia de que o YouTube propõe liberdade para pertencer, enquanto permite e fomenta a violência simbólica contra minorias como as minorias de gênero.

Ainda, consideramos importante destacar a singularidade das experiências não-binárias, apoiando-nos em autoras e autores que estudam gênero a partir de suas possibilidades de escapes e rupturas. Não tivemos a pretensão de mostrar o gênero não-binário como algo inerentemente revolucionário, mas sim que sua existência de fato confunde e, em certos pontos, perturba aqueles que acreditam se encaixar na lógica cisgênera. Além disso, não foi nossa intenção posicionar a diversidade de representação como o ponto máximo de reivindicação para os direitos das pessoas não-binárias, mas mostrar a importância da representação na produção de significados. Para isso, visualizamos, a partir da caixa de comentários, o impacto que a representação do gênero não-binário a partir da perspectiva de duas pessoas não-binárias ocupa na experiência de outros sujeitos. Esperamos que esse trabalho contribua para os estudos sobre gênero não-binário e suas representações e disputas, de maneira que fomente a presença dessa temática no meio acadêmico, bem como auxilie na problematização da Internet e do YouTube enquanto espaço para o livre pertencimento.

REFERÊNCIAS

- Bento, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006.
- Bento, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: Edufba, 2017.
- Burgess, Jean; Green, Joshua B. *Agency and Controversy in the YouTube*

Community. in: **Proceedings IR 9.0: Rethinking Communities, Rethinking Place-** Association of Internet Researchers (AoIR) conference, IT University of Copenhagen, Denmark, 2008.

Butler, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. in: Louro, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.151-166.

Butler, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão na identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Camozzato, Viviane Castro; Costa, Marisa Vorraber. *Vontade de pedagogia— pluralização das pedagogias e condução de sujeitos*. **Cadernos de Educação**, Pelotas, RS, n. 44, jan./abr. 2013.

Cassana, Mônica Ferreira. **Corpos impossíveis: a (des)ordem do corpo e a ambivalência da língua no discurso transexual**. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/143139>.

Cohen, Jeffrey Jerome. *A cultura dos monstros: sete teses*. In: Silva, Tomaz Tadeus da (Org.). **A pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 25-60.

Grossberg, Lawrence. *Lutando com anjos: os estudos culturais em tempos sombrios*. in: **Matrizes**, [S.L.], v. 9, n. 2, p. 13, 7 dez. 2015.

Hall, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

Jenkins, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: ALEPH, 2006.

Kozinets, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

Kozinets, Robert V. **Netnography: redefined**. Nova York: SAGE, 2015.

Martins, Tatiane Marques de Oliveira. **A netnografia como metodologia para conhecer o trabalho de professores da cultura digital**, 2012. Disponível em: <https://jovensemrede.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/02/tatiane-marques-de-oliveira-martins-a-netnografia-como-metodologia-para-conhecer-o-trabalho-de-profes-sores-da-cultura-digital-texto.pdf>. Acesso em 26 de fev de 2025.

Meyer, Dagmar. *Gênero e Educação: teoria e política*. Louro, Guacira Lopes; Goelner,

Silvana; Felipe, Jane (org.). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27.

Montaño, Sonia. A construção do usuário na cultura audiovisual do YouTube. **Revista Famecos**, [S.L.], v. 24, n. 2, p. 25256, 24 mar. 2017.

Moraes, Ana Luiza Coiro. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas. **Questões Transversais– Revista de Epistemologias da Comunicação**, São Leopoldo, v. 4, n. 7, p. 28-36, jan/jul, 2016.

Preciado, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2000.

Primo, Ale. O aspecto relacional das interações na Web2.0. **E-Compós**, Brasília, v.9, p.1-21, ago.2007. Disponível: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/153/154>. Acesso em 26 de fev de 2025.

Salgado, Raquel Gonçalves; Souza, Leonardo Lemos de. INFÂNCIAS NAS DOBRAS DA NORMA: entre narrativas e experiências de gêneros no ciberespaço. **Interfaces Científicas - Educação**, [S.L.], v. 8, n. 2, p. 16-30, 23 abr.2020. Universidade Tiradentes.

Sibilia, Paula. **O show do eu:** a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A, 2008.

Simas, Danielle Costa de Souza; Souza Júnior, Albefredo Melo de. Sociedade em rede: os influencers digitais e a publicidade oculta nas redes sociais. **Revista de Direito, Governança e Novas Tecnologias**, Salvador, v. 4, n. 1, p. 17-32, jan/jun. 2018.

Wagner, Irmo; Sommer, Luís Henrique. Mídia e Pedagogias Culturais. in: **Seminário Intermunicipal de Pesquisa**, 10, ULBRA. Guaíba, 2007. Disponível: <https://docplayer.com.br/7654247-Midia-e-pedagogias-culturais.html>. Acesso em 5 de mai de 2021.

Williams, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Submissão em 25 de julho de 2025.
Aceite em 08 de outubro de 2025.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>